

REINALDO, Maria Rejane. Penthesileia, de Kleist: Corpo e Cena devorados pela Paixão. Salvador: UFBA; Doutorado; Armindo Bião. Ator e Professor Associado; Bolsista CNPq.

RESUMO

A partir do mito Penthesileia, a rainha das amazonas, apresentado por Henrich von Kleist (1777-1808), engendra-se uma articulação entre mito, teatro e ciência. Pauta-se na discussão sobre mito como explicação universal, como cantiga sibilante do universo (Joseph Campbell) e insere um debate do trágico como condição humana e da tragédia como poética (Roberto Machado). Aborda ainda uma visão dionisíaca de mundo (Friedrich Nietzsche), debate o orgasmo como fator de sociabilidade (Michel Maffesoli), aqui expresso no êxtase coletivo da Festa das Rosas, ritual propiciatório de fertilidade das amazonas, presente na tragédia de Kleist e tece breve passagem pela dramaturgia de Kleist (Lehmann e Guinsburg).

Palavras-chave: Penthesileia. Mito. Tragédia/Trágico. Orgia. Dionisíaco

ABSTRACT

From myth of Penthesilea's myth, Queen of the Amazons, by Heinrich von Kleist (1777-1808), it is discussed a relationship between myth, drama and science. It is guided by an universal explanation as squeaky song of the universe (Joseph Campbell) and inserts a discussion of human condition as tragic and tragedy as poetic (Roberto Machado). Dionysian vision of world (Friedrich Nietzsche), orgasmo as sociability factor (Michel Maffesoli), here expressed in collective ecstasy of the Feast of Roses, fertility ritual of the Amazons, in this tragedy of Kleist help to weave brief passage through the drama of Kleist (Lehmann and Guinsburg).

Keywords: Penthesilea. Myth. Tragedy/Tragic. Orgy. Dionysian.

RÉSUMÉ

Du mythe de Penthésilée, reine des Amazones, par Heinrich von Kleist (1777-1808), on génère une relation entre le mythe, le théâtre et la science, guidée par une explication universelle du chant grinçant de l'univers (Joseph Campbell) insérant une discussion de la condition humaine tragique et de la tragédie poétique (Roberto Machado). La vision dionysiaque du monde (Friedrich Nietzsche) est approchée, ainsi que l'orgasme en tant que facteur de sociabilité (Michel Maffesoli), exprimée ici en extase collective de la Fête des Roses, rituel de fertilité des Amazones, dans la cette tragédie de Kleist, dont on désigne un bref passage (Lehmann et Guinsburg).

Mots clés: Penthésilée. Mythe. Tragédie/Tragique. Orgie. Dionysiaque.

O Prêmio Bolsa Funarte de Residências em Artes Cênicas do Ministério da Cultura e a seleção no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes

Cênicas da Universidade Federal da Bahia, com o projeto *Pentesileia*, possibilitaram o fortalecimento e a sistematização do processo interligado e interpenetrado, de pesquisa e criação cênica, que desenvolvo desde 1980, sobre mulheres excepcionais. Ainda, o estudo sobre o teatro da não representação, aos moldes de Artaud, ou Carmelo Bene, quando experimenta *Pentesileia* como teatro filmado (DELEUZE, 2010).

Este artigo constitui um exercício não findo, pautado na incompletude, sobre a personagem mítica *Pentesileia*, a rainha das amazonas, a partir da escrita de Henrich von Kleist (1777-1811). Engendra a sistematização de questões concernentes ao estágio atual da pesquisa, acerca da tragédia escrita em 1808¹ pelo filósofo e dramaturgo do romântico alemão, poeta e novelista, considerado o percussor do expressionismo (CARLSON, 1997).

Sobre trajeto e objeto, o experimento tem sido: se deixar atravessar, acariciar, pelo perfume da própria travessia. Ou, sobre a necessidade premente de não se reduzir o conhecimento a “uma única noção, como informação, ou percepção, ou descrição, ou ideia, ou teoria; deve-se antes concebê-lo com vários modos ou níveis” (MORIN, 1999). *Pentesileia* representa para mim uma apetência, conforme conceitua Bião: “A qualidade, simultaneamente essencial e existencial, que justifica o interesse do sujeito em seu objeto e trajeto de pesquisa, sem a qual não se pode construir competência” (BIÃO, 2009). Proponho um diálogo entre ciência, arte e mito. Intercruzamento de fazeres e saberes que se ressignificam, traço exuberante da transdisciplinaridade, tão cara à etnocenologia: “Conhecer-se o que não se conhece é reconhecer-se no novo [...]. É nascer-se de novo, a cada passo, junto com o próprio caminho que se percorre, transformando-o continuamente” (BIÃO, 2009).

Se, como já foi dito, mito é cantiga sibilante do universo (CAMPBELL, 1990), então *Pentesileia* é o canto primordial do teatro trágico moderno, pautada na paixão amorosa, guiada por Eros, a representação cênica da *Pathos*, desenfreada paixão. Denota cartografias de corpo e cena em desalinho. O mito *Pentesileia*, a rainha das amazonas, comandante de uma sociedade matrilinear, é também componente do imaginário das Américas (BOXER, 1990). A rainha teria lutado na Guerra de Troia ao lado dos troianos, contra os gregos, entre os quais, Aquiles, o belo guerreiro, pelo qual se apaixonou em pleno campo de batalha. Mas não advém do combate o definhar da vida em *Pentesileia* e Aquiles, mas, tão somente, da condição humana. *Pentesileia* diz:

Deixe-me! Seria mais fácil conter a torrente que desaba morro abaixo do que o tumulto de minha alma. Quero ver a meus pés, no pó, esse orgulhoso que vem ofuscar, neste glorioso dia de luta, meu entusiasmo guerreiro, como ninguém o fez até agora. Os deuses me amaldiçoaram! Como é possível que, quando o exército grego, derrotado, debanda, o simples fato de vê-lo me abala até o fundo da alma? Eu... desarmada... dominada... vencida? Se não mais tenho seio, onde está o sentimento que me abate?

¹ O texto *Pentesileia*, de Kleist que utilizo neste trabalho foi traduzido do original por Jean Robert Weisshaupt e o filósofo Roberto Machado (IFCS/UFRJ), disponibilizado diretamente pelo tradutor quando do Simpósio Internacional de Filosofia Nietzsche – Deleuze – 2002, quando atuei e dirigi o experimento cênico *Pentesileia*.

Tenho que voltar ao tumulto da batalha, onde ele me espera com seu sorriso de desprezo, para vencer ou morrer.

Não carece de base histórica para o mito (CAMPBELL, 2001). Houve a Guerra de Troia? Não se sabe. Mas Aquiles e Penteseleia foram perpetuados, ressignificados, e existem hoje em forma de arte, ciência e mito: “Aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Eles são histórias de nossa vida, de nossa busca da verdade, da busca do sentido de estarmos vivos” (CAMPBELL, 2001). As amazonas realizavam a Festa das Rosas, uma celebração de fertilidade, quando seus corpos eram penetrados, encharcados, pelo sêmen dos mais belos e fortes guerreiros, suas presas. O texto de Kleist apresenta este ritual propiciatório de orgia colado à narração da origem das amazonas, do ódio que teria gerado essas comunidades comandadas por mulheres:

Escute... Onde hoje reina o povo das amazonas, vivia outrora, em paz com os deuses, uma tribo dos Citas. Uma tribo livre e guerreira. Um dia, um rei etíope apareceu e abateu, primeiro, todos os guerreiros e, depois, todas as crianças e todos os velhos. A mais magnífica das raças da terra desapareceu. Os vencedores se instalaram em nossas casas e, arrancando as esposas dos túmulos de seus esposos, as arrastaram para seus leitos desonrados. [...] Nosso povo, reunido em conselho, tomou então uma decisão: iria fundar um Estado sem tutela, um Estado no qual nenhuma voz masculina daria ordens arrogantes. Se os olhos de um homem avistassem o reino das amazonas, deveriam se fechar para sempre.

Para as amazonas, a Festa das Rosas, acontece

[...] Quando a rainha julga que é o momento de substituir as companheiras que morreram, ela chama todas as virgens ao templo de Ártemis e invoca Ares rogando-lhe fecundar seus jovens corpos. É a Festa das Virgens em flor, chamadas de noivas de Ares. O deus, então, revela, pela voz da grande sacerdotisa, o povo esplêndido no qual ele se encarnará para nós. Chega o alegre dia da partida. A tropa se desloca, no segredo e no silêncio, para a terra do povo escolhido. Aí, como uma rajada de fogo, penetramos na floresta dos homens e raptamos os mais belos. De volta, no templo de Ártemis, as noivas de Ares fazem a Festa das Rosas.

O ritual da Festa das Rosas, compreendido à luz do pensamento de Maffesoli, possibilita uma percepção do orgasmo como importante fator de sociabilidade, aqui expresso no êxtase coletivo:

A orgia, integração completa do contraditório, não é forçosamente comunicação: é sobretudo, comunhão. Aproximando-se assim do processo poético e pictórico, “a arte da conjugação”, favorece o êxtase coletivo, devolvendo aos diversos elementos a pluralidade primitiva que compõe sua agregação (MAFFESOLI, 2005, p. 89).

Penteseleia apresenta dramaturgia de corpos estilhaçados, despedaçados, dilacerados pela paixão furiosa, manifestações de falas em êxtase, em delírio, sob a égide das fragmentações dramáticas, orgias regidas pelo animalesco (MAFFESOLI, 2005).

Traz questões arrebatadoras, seja no campo da dramaturgia de Kleist (LEHMANN, 2009), seja no campo da arte atoral proposta em “Sobre o Teatro de Marionetes” (GUINSBURG, 2001), seja no campo filosófico, abordando a

visão dionisíaca do mundo (NIETZSCHE, 2005). Projeta-se além da vida, busca outra dimensão, por meio da tragédia, fato extraordinário e irreversível, eternizador, ofuscante da finitude. É marca de Kleist, em forma de “interrupções”, os lampejos de angústia, dilacerações da alma. Afetos em desmedida: *a dramaturgia de Kleist busca o excesso: a verdade do excedente é posta a descoberto* (LEHMANN, 2009). Kleist inverte, subverte, faz uma revisão no destino de Penteseleia. Nele, a rainha das amazonas mata Aquiles.

Numa atitude de desrazão, desvairada, em êxtase, em transe, devora-o juntamente com suas 12 cadelas. Até Kleist, as narrativas míticas traziam a morte da rainha por Aquiles, e versava o arrependimento do herói grego ao ver sua amada morta. A tragédia Penteseleia destaca o sacrifício visceral, apontando o rompimento dos limites, a tragicidade presente na condição humana. Traz a escritura de um corpo grotesco, horrendo. Aquiles é esfaçalhado, dente a dente, sangue a sangue. Ao devorar Aquiles, Penteseleia não pranteia a morte, não há dor:

Peguem!”, grita ela, “Cães, peguem-no!” Precipitando-se sobre ele com toda a matilha, ela não passa de uma cadela no meio de cães que aferram seu peito, seu pescoço... Arrastando-se no sangue, ele ainda lhe acaricia o rosto, dizendo: “Penteseleia, minha noiva, era esta a Festa das Rosas que você me prometia?” Mas ela arranca a couraça que ainda o cobre e crava seus dentes em seu alvo peito, competindo em ferocidade com os cães. Quando cheguei, o sangue pingava de sua boca e de suas mãos. (Um silêncio de pavor).

Artaud compreende a personagem em simbiose, embrenhada no corpo do “ator totalmente penetrado por sentimentos e sensações livres de um controle pela racionalidade” (ARTAUD, 1993, p. 15). E “No texto de Kleist tem-se sempre a impressão de uma respiração forte, muitas vezes hesitante e sempre continuamente a presença sentida dos corpos na fala: *linguagem como encenação do corpo*” (LEHMANN, 2009, p. 163). Um corpo que se autodevora, a lançar a uma visão dionisíaca do mundo (NIETZSCHE, 2005, p. 8):

O arrebatamento do estado dionisíaco, com a sua aniquilação das barreiras e limites habituais da existência, contém, enquanto dura, um elemento letárgico no qual mergulha tudo o que foi vivenciado no passado. Assim se separam, por meio desse abismo do esquecimento, o mundo da realidade cotidiana e o mundo da realidade dionisíaca.

Penteseleia remete ao trágico como condição humana e à tragédia como poética. Machado (2006) afirma que, na modernidade, a tragédia deixa de ser apenas uma das espécies do teatro e passa a ser central para o modo como os filósofos entendem não só os dilemas do homem moderno, mas também a própria constituição do mundo. Penteseleia constitui jornada (CAMPBELL, 1990) em fase inicial. Faz-se trajetória, cujo processo dá o sentido. As fronteiras são movediças, escorregadias. Sustenta-se numa premissa: mito, arte e ciência são criações que se interpenetram em relação de profunda complementaridade e absoluta ausência de hierarquia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. Tradução Teixeira Coelho. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BIÃO, Armindo. **Teatro de cordel e formação para a cena: textos reunidos**. Salvador: P & A, 2009.
- _____. **Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P & A, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CARLSON, Marvin. **Teorias do Teatro. Estudo histórico dos gregos à atualidade**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo, Editora UNESP Fundação, 1997.
- GUINSBURG, J. **O titereiro da Graça. Sobre o Teatro de Marionetes**. In: Da cena em cena. São Paulo, Perspectiva, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis, Vozes, 2009.
- LEHMANN, Hans-Thies. **Escritura Política do Texto Teatral**. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- MACHADO, Robert. **O nascimento do trágico**. De Schiller a Nietzsche. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dioniso. Contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução Rogério de Almeida. 2ª. Ed. São Paulo, Zouk, 2005.
- MORIN, Edgard. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Tradução Juremir Machado da Silva. 2ª. edição. Porto Alegre, Sulina, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo**. Tradução Marcos Sinesio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo, Martins Fontes, 2005.